

FROMM, Guilherme. Discutindo e trabalhando a literatura. In: Guilherme Fromm; Maria Célia Lima-Hernandes. (Org.). **Domínios de Linguagem II**: literatura em perspectiva. 1 ed. São Paulo, 2003, v. 1, p. 9-16.

## Discutindo e Trabalhando com a Literatura

Guilherme Fromm

**Literatura**: substantivo feminino: 1. Ensino das primeiras letras; 2. Rubrica: literatura. uso estético da linguagem escrita; arte literária; 3. Rubrica: literatura. conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero etc.; 4. Derivação: por analogia. conjunto das obras científicas, filosóficas etc., sobre um determinado assunto, matéria ou questão; bibliografia; 5. Ofício, trabalho do profissional de letras; 6. Conjunto de escritores, poetas etc. que atuam no mundo das letras, numa determinada sociedade; tertúlia; 7. Disciplina escolar composta de estudos literários; 8. boletim, folheto, conjunto de instruções etc. que acompanham certos produtos, para orientar o cliente ou o comprador sobre seu emprego; 9. Uso: pejorativo. palavreado vazio, de caráter inautêntico, artificial ou superficial.

Dicionário Houaiss Eletrônico

Muitas pessoas têm receio com relação à Literatura e, principalmente, ao aprendizado de Literatura. Vários professores formam-se todo ano e se sentem inseguros para trabalhar com as definições e metodologias de ensino desta área, havendo inclusive um ódio declarado, onde se apregoa as maravilhas do ensino de língua e lingüística, disciplinas ditas mais objetivas. Esses profissionais, no entanto, quase nunca deixam de usar um recurso básico proporcionado pela área literária: o texto (qualquer que seja). Acreditamos que não serem poucos os que sofrem dessa dialética com respeito àquela arte chamada Literatura<sup>1</sup>. O objetivo deste artigo é, portanto, discutir dois conceitos que, ao nosso ver,

---

<sup>1</sup> As outras definições clássicas de arte seriam, segundo Massaud Moisés: música, pintura, coreografia, escultura e arquitetura.

são bastante polêmicos na área de Letras nos dias de hoje: o que é literatura e o ensino de literatura (seja no ensino médio, seja na universidade). Os conceitos de Literatura têm sido trabalhados desde Platão e Aristóteles até os nossos dias. Não pretendemos discutir aqui a evolução desses, as escolas literárias espalhadas pelos diversos países ou como classificar autores; vamos trabalhar com uma problemática mais atual, que é como enxergamos e como lidamos com a Literatura.

### **O que é Literatura nos dias de hoje?**

Tomando como base o verbete de Houaiss, trabalhamos, na área de Letras, com as definições de número um, dois, três, cinco e seis no que se refere às nossas conceituações e estudos sobre a área e com a definição sete no que se refere ao processo de ensino/aprendizado dessas conceituações.

A definição um é a clássica, o significado original da palavra Literatura em si. Ela não é mais usada com esse significado e, portanto, aqui não nos interessa. São as definições dois e três os nossos pontos de partida para uma discussão. Vários autores parecem concordar que uma obra literária realmente faz um uso estético das palavras. Moisés (2000) ressalta, ainda, que só a palavra escrita, e não a oral, pode ser considerada literatura. Dados os problemas de análise do texto não escrito (como a difícil tarefa de transcrição para posterior análise do texto), concordamos com ele.

A grande discussão, acreditamos, está presente na definição três: *conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético*. O que seria, afinal, um reconhecido valor estético? Esse valor estaria embutido somente em obras de cânones literários como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Goethe, Shakespeare e outros mais, ou também estaria presente em poesias escritas por Gentileza embaixo de viadutos<sup>2</sup>, em histórias em quadrinhos para adultos de Alan Moore, em letras de música de Caetano Veloso? Como esse valor estético se constitui para julgar que tal obra deva entrar para o rol das grandes da história e que outra deva ser descartada?

Para começar, é importante notarmos que o juízo de valor pessoal e social muda com o tempo. Assim como Tiradentes, grande herói nacional (com direito a feriado), já foi

---

<sup>2</sup> A história desse escritor foi contada pela cantora Marisa Monte em um de seus shows.

considerado traidor várias vezes (sem direito a feriado), inclusive no século vinte, o juízo de valores é muito subjetivo e dependente dos humores sócio-econômicos de um país. Carlos Drummond é considerado um grande poeta nos dias de hoje. Conseguirá sua obra manter a mesma longevidade que a *Divina Comédia* de Dante? Será que Dante ainda será lido daqui a dois séculos? Cabe-nos lembrar que não há prazo de validade para um autor ser considerado canônico ou não. Há alguns que se mantêm em evidência há séculos, como Shakespeare<sup>3</sup>; outros fazem sucesso durante certa época, somem em outras, para posteriormente serem redescobertos. Isso tudo, acreditamos, é um reflexo do que é considerado *bom* ou *belo* em certos períodos, *ruim* em outros. O valor estético, portanto, é variável e representativo em cada época, ou seja, para estudarmos Kafka, por exemplo, não podemos dissociá-lo do momento histórico em que vivia, não podemos dissociar Literatura de História.

Outra questão que devemos abordar é a qualidade do conjunto. Serão todas as obras de um autor, considerado cânone literário (onde um conceito de dogma fica implícito), boas? Difícil responder. Voltando a Machado, alguns consideram *Memórias Póstumas*<sup>4</sup> uma grande obra, mas podem achar *Dom Casmurro* de uma chatice sem fim (vejam só, o juízo de valores está em todo canto!). Só pelo renome devemos julgar um autor como se fosse uma grife, como se tudo que viesse dele fosse bom?

A Literatura trabalha com a linguagem de um modo que se sobressai sobre aquela usada diariamente, recriando de um modo inesperado, metafórico, nosso cotidiano. O bom autor, teoricamente, é aquele que nos consegue fazer “entrar”, cada um a seu modo, em seu mundo. É aquele que tem grande domínio da língua, das suas potencialidades e, portanto, capaz de atingir muitos leitores, de diferentes níveis e classes sociais, ao mesmo tempo. Mas veja só que interessante. Será que um anúncio brasileiro de um carro, com sua linguagem altamente elaborada, não preencheria tais requisitos acima descritos? E a letra de

---

<sup>3</sup> E, afinal, porque ele continua sendo lido, atuado nos teatros e adaptado para o cinema? Muitos, nós inclusive, acreditamos que seus textos ainda conseguem dialogar com as pessoas, mantendo na atualidade assuntos que foram abordados há mais de quatrocentos anos.

<sup>4</sup> Especialmente em virtude do uso de um recurso bastante comum nos filmes atuais: o flashback.

uma boa música, cantada em toda a nação? E a mensagem do grafite na parede, lido diariamente por milhares de pessoas? E um blog<sup>5</sup> disponível na Internet?

O conceito de Literatura deve ser urgentemente revisto. Não basta dizer que ele significa obras de ficção muito bem escritas e que se perpetuam na história. Tudo isso pode ser contestado. Os juízos que fazemos das obras mudam, suas classificações como boas ou ruins também mudam, mas algo parece ser imutável: a necessidade, por parte de muitos intelectuais e professores, de trabalhar só com aquilo que é considerado cânone, tradicionalmente aceito, sem contra indicações. Provavelmente as descrições intermináveis de *Bentinho*, nesta sociedade das mídias de alta velocidade em que vivemos, estejam se tornando tediosas. Devemos insistir tanto em um autor e deixar milhares de outros, mais pertos da nossa realidade atual, passarem despercebidos? E como devemos trabalhar com esses clássicos?

### **O ensino tradicional na escola**

Continuando com as definições de Houaiss, vamos agora para a de número sete. Loos (2003) afirma, em seu artigo, que tinha más recordações de suas aulas de Literatura no colegial. Acreditamos que muitos se identificam com a autora, pois também tiveram esse tipo de problema. Afinal, o que era a Literatura para nós? Um emaranhado de escolas literárias em seqüência (onde tínhamos a impressão que em tal data acabava uma escola e no dia seguinte começava outra<sup>6</sup>), seguida de análises, cujos parâmetros nunca conseguimos entender (embora parecessem muito claros para o professor) e conclusões que nunca se conectavam com a nossa realidade de estudantes.

Para que servia a aula de Literatura enfim? Muitos acreditavam (ou acreditam) que ela era mais complicada que aquelas intermináveis análises sintáticas da aula de português (sem nenhum desmerecimento, é claro). O trabalhar único e exclusivo com obras dos

---

<sup>5</sup> Diários pessoais, que qualquer pessoa pode publicar na Internet.

<sup>6</sup> Isso sem contar que muitos professores não tinham uma noção histórica (como foi referido acima) que embasasse o surgimento de uma nova escola. Como explicar o Barroco, por exemplo, sem citar as correntes artísticas, filosóficas e políticas da Idade Média e do Renascimento, de cujos conflitos nasceu esse movimento?

grandes cânones fazia com que a Literatura parecesse algo morto, algo que não nos dizia respeito, algo que fora escrito pelos avós de nossos avós para suas épocas, não para a nossa.

### **A ordem dos fatores não altera o produto**

Por que, tanto na universidade quanto na escola, ao invés de começarmos o ensino de Literatura com o que está mais distante e cuja compreensão é mais difícil, não começamos com o que está cronologicamente mais perto e, conforme vai aumentando o repertório crítico dos alunos, vamos nos afastando? Desse modo o aluno chegaria a ler uma poesia trovadoresca do início da língua portuguesa com as ferramentas de análise já bem desenvolvidas e teria prazer nessa leitura. Por que não inverter a ordem cronológica?

É obrigatório que respeitemos os cânones, apresentados nos livros que trabalhamos com nossos alunos? O que está mais perto da realidade de um aluno da periferia de São Paulo: um poema de Manuel Bandeira ou uma letra de RAP comentado seu cotidiano? Essa letra de RAP (que em inglês significa ritmo e poesia) não teria elementos suficientes para uma análise literária? Não estariam, seguindo a mesma linha de raciocínio, as músicas sobre “cachorras” e “egüinhas” dos bailes funk da periferia do Rio mais próximas dos seus usuários? Os alunos podem trabalhar os conceitos básicos de escansão, como a métrica, o ritmo, a rima e a análise lexical a partir dessas composições contemporâneas. Quando esses e outros conceitos de teoria literária estivessem bem fundamentados, poderíamos então retroceder no tempo e fazer com que os alunos percebessem porque os cânones, afinal, o são assim considerados.

Isso não só funcionaria para a poesia, mas também para a prosa. O que está mais relacionado com a vida de um estudante da classe média: um romance de Eça de Queiroz ou uma crônica de Rubem Braga? Apesar de serem estilos diferentes, não seria mais fácil começar um estudo com uma crônica, curta e atual, do que com um romance, longo e muitas vezes “cronologicamente desatualizado” em relação à nossa realidade?

### **To be or not to be**

Como já dizia Hamlet, essa (ainda) é a questão para quem trabalha com literatura estrangeira. Mais um problema se interpõe ao processo de aprendizagem: a barreira da língua. Qual a profundidade de uma análise e o prazer que pode advir de uma leitura em

determinada língua estrangeira se trabalhamos somente com traduções das obras? Se muito perdemos na prosa, acredito que na poesia perdemos quase tudo. Poucos são os tradutores que se arriscam a traduzir poesia e não há abundância de material na praça. Terá um professor de literatura estrangeira que ficar eternamente preso às traduções? E as especificidades lingüísticas daquele idioma, a cultura daquela sociedade subjacente ao texto, como recuperar tudo isso? O professor de Literatura estrangeira tem um duplo desafio em mãos.

### **Longas jornadas**

E a formação dos professores? Hoje em dia, como muitos sabem, dar aula significa trabalhar três períodos ininterruptamente e passar o fim de semana preparando aulas e corrigindo trabalhos e provas. Quantas horas o professor de Literatura (ou de qualquer outra matéria) pode reservar de seu dia para se atualizar? Quantas horas ele pode ler por prazer e ter a capacidade, quando algum aluno perguntar, de responder qual o seu autor contemporâneo preferido? Como explicar que Paulo Coelho, autor esnobado por muitos críticos literários, se tornou um imortal da Academia Brasileira de Letras sem ter lido sequer uma obra sua?

### **Concluindo**

Sabemos que nesse artigo propusemos mais perguntas do que respostas. Mas acreditamos que seja o momento de pararmos para refletir e tentarmos respondê-las. A reflexão, neste momento, é essencial para que possamos tornar os nossos alunos proficientes na capacidade de ler de um modo crítico (o que acreditamos ser o grande objetivo) e, acima de tudo, para que tenham prazer com essa estranha e fascinante área chamada Literatura.

### **Sugestão Bibliográfica**

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, s/d. Dentre muitos autores que já li, Terry é um dos que tem a postura mais “moderna”

acerca da Literatura. Colocando de lado antigos conceitos, ele questiona, na introdução do livro, tudo o que é canônico na área e deixa nós, leitores, com a “pulga atrás da orelha”.

GOMES, A. C. & VECHI, C. A. **Introdução ao estudo da literatura**. São Paulo: Atlas, 1991. Esses autores apresentam uma visão mais tradicionalista do que é Literatura. Apesar desse tradicionalismo, o livro faz uma interessante divisão entre as visões diacrônicas e sincrônicas do que é um trabalho literário.

LOOS, S. **O papel do professor de literatura na formação de leitores**. Consultado em 20.01.2003 in <http://www.educacional.com.br/articulas/artigo0019.asp>. Boa discussão, com referências bibliográficas, acerca do ensino de literatura.

MOISÉS, M. **A criação literária – poesia**. São Paulo: Cultrix, 2000. A autoridade de Massaud Moisés fala por si só. Na introdução deste livro (que é o primeiro de uma série), ele discute a conceituação de literatura. Bastante comedida, sua análise se situa entre o vanguardismo de Eagleton e o tradicionalismo de Gomes & Vechi.